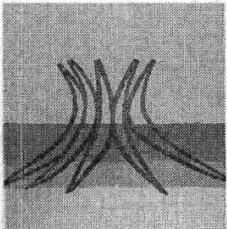


A visão de quem já governou



BRASÍLIA
37
ANOS

Ex-governadores lembram a determinação do presidente Juscelino Kubitschek

Capital de todos os brasileiros

JOAQUIM RORIZ

Uma das maiores recordações que carrego na minha memória é a lembrança do dia em que, ainda rapazola, tive a grande felicidade de ver, na residência oficial do Catetinho, a figura saudosa do nosso eterno presidente Juscelino Kubitschek. Isso ainda nos anos cinquenta, quando brasileiros de todos os cantos do País vinham para cá para dar início à construção de Brasília. Soberanamente um dos maiores desafios do século.

Hoje, passados 34 anos e quando comemoramos mais um aniversário da cidade, só tenho motivos para ficar mais feliz, por ter tido o privilégio de ter sido o primeiro governador eleito na cidade pelo voto popular. Sinceramente, só posso dizer que isso, verdadeiramente, foi uma prenda de Deus permitir que, passadas mais de quatro décadas depois do meu primeiro encontro com JK, eu viesse a ser o primeiro governador eleito da cidade construída por ele. O homem público de minha maior admiração.

Assim como o nosso saudoso e eterno JK, figura política na qual humildemente eu procuro me inspirar, sou um homem otimista. Eu acredito no futuro de Brasília, pois ela nasceu do desafio e da coragem de um homem que a construiu não para que fosse a maior revolução urbanística e arquitetônica do mundo, mas a síntese da união e interiorização do Brasil.

Naturalmente com essa complexa e dura missão, o desafio será sempre o símbolo maior da cidade. Cidade que não tem lugar para pessimista, mas sim para quem acredita nos ideais de JK, que a construiu projetado numa visão futurística, numa prerrogativa típica dos grandes estadistas, de que daqui desse Planalto Central, encravado no coração do País, haveriam de ser comandadas as grandes transformações da sociedade brasileira.

Deus entendeu ser o momento e levou JK para perto de si deixando como contrapartida os seus ideais para serem seguidos por todo homem público que sonha com um Brasil melhor sem preconceito e discriminação. A nova e corajosa sociedade construída abaixo da linha imaginária do equador e formada de irmãos de todas as regiões de nosso imenso território, não está sendo constituída por acaso: ela foi preconcebida por Deus quando iluminou o presidente Juscelino para construir Brasília.

Somente os derrotistas pensam de forma diferente. E como sou um discí-

Eles viram Brasília nascer. Acompanharam seu crescimento e mais tarde a governaram. José Aparecido de Oliveira, que ocupou o cargo a convite do ex-presidente José Sarney, e Joaquim Roriz, primeiro governador eleito do Distrito Federal, falam de suas emoções com o início das obras e dos desafios que enfrentaram como governadores. Aparecido lembra a luta para fazer de Brasília um patrimônio cultural da humanidade. Diz que o mérito não é seu: é de todos que abraçaram a causa, como o arquiteto Oscar Niemeyer e o urbanista Lúcio Costa. Roriz lembra que Brasília é a capital de todos — pobres e ricos — e diz que as dificuldades têm de ser resolvidas com a participação de toda a sociedade

Sheyla Leal



pulo de JK tenho uma visão otimista do futuro de Brasília, apesar dos graves problemas que pairam hoje sobre a vida da cidade. Problemas oriundos do grande desequilíbrio regional do País, que obriga as famílias perambularem como zumbis pelos nossos grandes centros populacionais em busca de vida melhor. E enquanto essa situação secular não for combatida com disposição e controlada, o fenômeno migratório será sempre um grande pesadelo para os governantes das regiões brasileiras que apresentam um padrão melhor de vida.

Ver essa questão sob ótica diferente é simplesmente expressar o sentimento mais profundo e hediondo de preconceito sobre os nossos irmãos brasileiros menos afortunados, cujo direito de ir e vir é plenamente assegurado pela nossa Carta Magna.

Dentro desse contexto, por exemplo, a Capital da República, que completa 37 anos de vida e marcha solenemente em direção ao terceiro milênio, tem que ser analisada considerando que foram piauienses, cearenses, mineiros, baianos, pernambucanos, paraibanos, sergipanos, alagoanos,

cariocas, paulistas, goianos, enfim todos os brasileiros, que a construíram.

E é dessa poderosa e mais autêntica mistura de regionalismo que está surgindo a sociedade sonhada pelo presidente Juscelino onde o sectarismo, o preconceito e o desrespeito ao pobre não têm lugar.

Reitero que sou otimista quanto ao futuro de Brasília. Conheço com profundidade os problemas dessa cidade que vi nascer e crescer e tive o privilégio de ajudar a construir. Também estou convencido de que as dificuldades existentes devem ser resolvidas com determinação, esperança e com a participação de todos, pois Brasília foi e sempre será a Capital do desafio.

A Capital de todos os brasileiros, pobres ou ricos. A Capital idealizada e construída pelo nosso maior estadista para carregar por todas as gerações a bandeira não só da esperança, mas da certeza de que a partir daqui haverá de ser construído um Brasil novo, solidário e sem miséria. E que Deus continue sendo generoso e iluminando essa cidade que todos amamos.

Brasília, patrimônio da cultura

JOSÉ APARECIDO DE OLIVEIRA

Parece que algumas datas têm um destino singular. O dia 21 de abril é uma delas. Marca o martírio de Tiradentes, referência permanente da luta pela independência e pela liberdade deste País. E marca também o dia em que o foro mundial da ONU para a Educação e a Cultura, a Unesco, inscreveram a cidade de Brasília no inventário em que consagram monumentos e áreas urbanas consideradas Patrimônio Cultural da Humanidade.

Há, em todos os continentes, e também no Brasil, alguns santuários urbanos contemplados com essa seleção egrégia. Mas o que torna singular a situação de nossa Capital é que ela é a primeira - e até hoje a única - cidade deste século a merecer uma qualificação só atribuída a monumentos venerados da arquitetura e do urbanismo conservados como relíquias de séculos passados.

O projeto de tombamento de Brasília tem sua história. Conheci a cidade quando ela ainda balbuciava nos riscos elementares de Lúcio Costa e nos croquis de Oscar Niemeyer. Depois, já no ano seguinte à inauguração, residi na cidade ainda em formação, quando secretário do presidente Jânio Quadros. Voltei a morar na Capital em 1963, como deputado federal e dez anos depois, para reassumir a Câmara dos Deputados. Mais tarde, instalei-me de novo na Capital, quando ministro da Cultura do governo José Sarney, convidado para o cargo pelo saudoso presidente Tancredo Neves.

Os deveres de ofício de ministério



Geraldo Magela

me levaram a pensar naquela definição do grande ministro francês da Cultura que foi André Malraux: "Toda política cultural deve começar pela defesa do patrimônio. A começar pelo patrimônio arquitetônico".

Depois, ao assumir o governo do Distrito Federal, por escolha do presidente Sarney, não podia fugir ao amor por Brasília, vinha de longe. Tomei, então, a decisão de armar o projeto audacioso e inédito: o tombamento de uma cidade moderna. Com a ajuda de minha equipe, especialmente o jornalista e escritor Osvaldo Peralva, foi criado um grupo de trabalho para o levantamento da realidade monumental e urbanística da cidade, coordenado pelo competente arquiteto Ítalo Campofiorito.

Constituiu-se um acervo completo de edifícios e espaços, com testemunhos fotográficos e escritos, e assim levei à Unesco, em Paris, a proposta oficial. Por mais que fosse o respeito do júri internacional pela obra estupenda de Oscar Niemeyer e pelo partido urbanístico de Lúcio Costa, não foi fácil a batalha da aprovação, que conferia a uma constru-

ção do século XX os mesmos títulos outorgados a Persépolis, a Delfos, a Atenas do Partenon e do Erecteion, e assim por diante.

Enfrentamos audiências de processo em Paris, com defesas escritas e orais diante de uma severa banca de examinadores. Devo lembrar a preciosa contribuição para o feliz desfecho do pleito, do então embaixador do Brasil na Unesco, escritor Josué Montello, e do jornalista Osvaldo Peralva. Não se pode esquecer o parecer favorável do professor Léon Pésuyre e a decisiva opinião do sr. Amadou Mahtar M'Bow, então diretor-geral da Unesco, como mais tarde a solidariedade do diretor-geral Federico Mayor, presente à inauguração do

marco que erguemos na Praça dos Três Poderes. É bom lembrar tudo isso, dez anos depois.

Mas não são nossos os louros. Eles cabem a um momento privilegiado da política e da inteligência brasileira, quando se reuniram a vontade e a inspiração de homens excepcionais. O tombamento de Brasília saiu, na verdade, das mãos de seus fundadores, do construtor Israel Pinheiro. Da vontade política e da vocação de estadista do presidente Juscelino Kubitschek, que deu ao País uma nova dimensão de grandeza, com a incorporação dos espaços do Planalto Central. Das lúcidas geometrias espaciais de mestre Lúcio Costa. E, finalmente, do bico do lápis do maior arquiteto deste século, que nos deu a honra de nascer brasileiro, e que dedicou a esta aventura de seu espírito o poder de gênio de artista e sua grandeza de homem maior do povo brasileiro. O grande homem que aqui ficou, durante todo o tempo da construção, trabalhando pela graça da beleza de seus riscos, alojado num barracão de madeira - Oscar Niemeyer.